

# Declaração do Presidente do Júri do Prémio de História Contemporânea – 1999 Maria Manuela Tavares Ribeiro

Excelentíssimo Senhor Vice-Reitor da Universidade do Minho.

Excelentíssimo Senhor Presidente do Conselho Cultural desta Universidade.

Senhores Professores. Minhas Senhoras e meus Senhores.

Em nome do Júri do Prémio de História Contemporânea de que fizeram parte os Professores José Viriato Eiras Capela, da Universidade do Minho, António Ventura, da Universidade de Lisboa, e eu própria, permitam-me estas breves palavras.

Conheço e admiro o Professor Victor de Sá. E como podia eu não admirar e não me solidarizar neste momento com o Homem, o Mestre, o Cidadão, que pela vida, obra e reflexão eu considero um espírito superior?

Ao falar de uma ciência que é «ao mesmo tempo objectiva e subjectiva» – a história – Fernand Braudel afirma de forma marcante e sugestiva: «o problema da história situa-se na própria paisagem, no coração da vida». Assim sendo, as modalidades do agir e do pensar, como escreve Paul Ricoeur, devem ser

sempre remetidas para os laços de interdependência que regulam as relações entre os indivíduos e que são moldados de diferentes maneiras em diversas situações, pelas estruturas do poder. Deste modo, a intervenção do historiador está na escolha atenta e na arrumação semântica dos factos como – e cito as palavras sugestivas de José-Augusto França – «um pintor pontuando formas e cores, bem sabendo que a mudança de uma obriga a mudar todas as outras».

Os factos explicam-se a si próprios e a história como ciência do conhecimento é também, como se sabe, uma reflexão sobre os factos. Factos sociais, políticos, económicos, culturais acontecem e fazem acontecer. Acresce dizer, como aliás bem se sabe, que a história que se constitui em discurso tem os seus protagonistas ou personagens privilegiadas pelas circunstâncias ou por qualidade própria. Por sua vez, os comportamentos humanos têm uma mobilidade e uma interacção que em vários domínios se estabelece e há que reconstituí-los. Tal é o fim da história – acentuou Francastel.

Importa ainda sublinhar que cultura, vida política e económica se cruzam e interagem, como é verdade também que a vida material e estados mentais e sentimentais se multiplicam em operações culturais, sejam elas artísticas, literárias, vivenciais. Nesta perspectiva, pode igualmente afirmar-se que as operações necessárias à cultura são sempre internacionais, multiplicativas, dinâmicas e não estáticas. Vem a propósito a pertinente reflexão de Paul Veyne sobre o objectivo da história cultural: «relacionar os objectivos pretensamente naturais com as práticas datadas e raras que os objectivam e explicar essas práticas, não a partir de um motor único, mas a partir de todas as práticas afins sobre as quais se encontram fixadas». O que significa reconstituir – afirma Veyne – sob as práticas visíveis ou discursos conscientes a «gramática escondida» ou «imersa» que a explica.

É nesta linha de história cultural que se insere a obra premiada de 1999 da autoria da Dr.<sup>a</sup> Adelaide Ginga Tchen com o título *A Aventura Surrealista. Da explosão à extinção de um movimento (ou não)*. Trata-se efectivamente de uma obra de investigação contextualizada politicamente, em que se privilegia um vasto manancial de fontes: dos periódicos, aos panfletos, às entrevistas, aos depoimentos orais, à correspondência, fonte documental de relevante

importância, de muitos dos protagonistas a que nela se dá voz. Acresce ainda sublinhar que o trabalho introduz o tema do surrealismo na sua origem francesa, as suas bases teóricas, os seus momentos de particular importância no campo cultural e político, a sua dimensão internacional. De acentuar também a contextualização nacional do movimento e a actividade dos grupos e personalidades protagonistas. Por fim, a autora distingue muito claramente as três vertentes marcantes dessa aventura surrealista – a social, a cultural, a política, e esclarece como este movimento (ou não) de ruptura foi decerto aventura mas que marcou, todavia, o futuro cultural português.

Não posso deixar de apontar ainda que a obra galardoada se apresenta com um texto coerente, claramente elaborado, com escrita fluente, saborosa e agradável de ler.

Com estas notas dominantes, a obra seleccionada consensualmente pelo júri e a que se atribuiu o Prémio de História Contemporânea de 1999 abre novas perspectivas e contribui de forma decisiva para a compreensão de um período crucial da história portuguesa e de determinadas vias de expressão cultural da nossa história. Em nome do júri que represento felicito vivamente a

Dr.<sup>a</sup> Adelaide Ginga Tchen e formulo votos de sucesso na sua vida pessoal e carreira profissional. Mas felicito igualmente todos (e foram muitos) os concorrentes, jovens investigadores que se empenharam na pesquisa e na elaboração de temas vários, sempre esclarecedores, da história contemporânea portuguesa. O facto é, em si mesmo, significativo do interesse e desenvolvimento crescente que a investigação sobre a história da época contemporânea vem assumindo. A corroborar esta afirmação registe-se ainda que os numerosos trabalhos apresentados resultaram da investigação e ensino que se vem fazendo nas Universidades portuguesas, nem todos, porém, com o grau de aprofundamento desejável, o que não pôde deixar de ser reconhecido e assinalado pelos membros do júri. Sublinhe-se, todavia, o bom nível e o peculiar interesse de algumas das obras que ora se candidataram a este Prémio de História Contemporânea 1999.

Finalmente, seja-me permitida uma nota pessoal. Felicito vivamente a Universidade do Minho e o seu Conselho Cultural.

É para mim uma grande honra e momento de particular satisfação este momento de homenagem ao Prof. Doutor Victor de Sá, este momento de distinção para a jovem investigadora galardoada, e, estou certa, este momento de incentivo para todos os jovens investigadores que se dedicam ao estudo da História Contemporânea de Portugal, em suma, da nossa Cultura.

